
AS MODALIDADES DO MÉTODO DE COMPOSIÇÃO: PRÁTICAS RECENTES NO BRASIL À LUZ DE FELICITY BAKER

*Modalities of compositional songwriting method: recent practices in Brazil in light of
Felicity Baker*

*Las modalidades del método de composición: prácticas recientes en Brasil a la luz de
Felicity Baker*

Jacques Soihet Cohen¹, Marcelo Petraglia²

Resumo - Na presente pesquisa buscou-se compreender de forma mais aprofundada o método de composição através de uma análise temática das principais publicações. Neste sentido elaborou-se uma análise temática com os trabalhos científicos que utilizaram composição musical em musicoterapia com data posterior a 2011, analisando-os à luz do livro *Therapeutic Songwriting - Developments in Theory, Methods, and Practice* de Felicity Baker. A aplicação das modalidades metodológicas propostas por Baker contribuiu para a compreensão mais aprofundada das publicações analisadas mostrando-se ser um referencial teórico e prático bastante preciso e propositivo para o desenvolvimento da composição musical em musicoterapia no Brasil.

Palavras-chave: composição musical, musicoterapia, Felicity Baker.

Abstract - This study sought to deepen the understanding of the composition method through a thematic analysis of key publications. A thematic analysis was conducted on scientific studies involving musical composition in music therapy, published after 2011, and examined in light of Felicity Baker's book *Therapeutic Songwriting – Developments in Theory, Methods, and Practice*. The application of Baker's proposed methodological frameworks enhanced the understanding of the analyzed publications, demonstrating their value as both a precise and constructive theoretical and practical reference for advancing musical composition in music therapy in Brazil.

Keywords: therapeutic songwriting, musictherapy, Felicity Baker.

Resumen - En la presente investigación se buscó comprender de manera más profunda el método de composición a través de un análisis temático de las principales publicaciones. En este sentido, se elaboró un análisis temático de los trabajos científicos que utilizaron la composición musical en musicoterapia con fecha posterior a 2011, analizándolos a la luz del libro *Therapeutic Songwriting - Developments in Theory, Methods, and Practice* de Felicity Baker. La aplicación de las modalidades metodológicas propuestas por Baker contribuyó a una comprensión más profunda de las publicaciones analizadas, demostrando ser un referente

1Psicólogo clínico e musicoterapeuta. Bacharel em Psicologia pela PUC-SP e pós-graduado em Musicoterapia pela FASM-SP. <http://lattes.cnpq.br/2467603501062734>. e-mail: Soihetj@gmail.com

2 Graduação em Lic. em Educação Artística com Hab. em Música pela USP. Mestre em Biologia Geral e Aplicada pela UEP (2008) e doutor em Psicologia Social pela USP (2015). <http://lattes.cnpq.br/4132034082959952>. e-mail: marcelo@ouvirativo.com.br

teórico y práctico muy preciso y propositivo para el desarrollo de la composición musical en musicoterapia en Brasil.

Palabras clave: composición musical, musicoterapia, Felicity Baker.

Introdução

Há diversas formas de se compor música e podem ser formas tão livres como a própria música. Toda obra de arte nos convida a olhar sobre um fenômeno de uma nova ótica, um olhar inédito. A musicoterapia reconhece o caráter terapêutico da música e utiliza os seus elementos de uma forma intencional para cuidar de diversas condições patológicas. Sendo assim, inicia-se aqui uma pergunta: como podemos usar a composição musical para promover saúde?

Há quatro métodos principais em musicoterapia, são eles: recriação / interpretação, recepção, improviso e composição. Para Baker (2015), o último, “composição”, surgiu de forma “mais sistematizada” nas publicações científicas e práticas clínicas apenas nas últimas décadas, sendo um método ainda novo e promissor.

Wigram (como citado em Baker, 2015, p. 14), apresenta uma definição de Composição Musical em Musicoterapia: “O processo de criação, notação e gravação de músicas por um cliente, um grupo e/ ou terapeutas enredados em uma relação terapêutica com o objetivo de atender as necessidades psicossociais, emocionais, cognitivas e de comunicação deste público”.

E como está o desenvolvimento do método de composição musical em Musicoterapia no Brasil? Há nas pesquisas brasileiras algo a acrescentar e diferente do que foi encontrado por Baker? Quais as maiores referências teórico-práticas nas publicações brasileiras sobre esse tema? O que tem se produzido neste âmbito no Brasil?

No aprofundamento desta temática, vê-se no trabalho de Felicity Baker um ponto de apoio para reflexão considerando-se a necessidade da tradução para o português. Deste modo, o que segue referente a este trabalho da autora está baseado em tradução livre do inglês para o português. As dez modalidades e sub modalidades de se praticar composição musical são então consideradas como categorias temáticas para apreciação da literatura encontrada nas publicações brasileiras.

Felicity Baker (2015) realizou uma pesquisa extensiva a qual reuniu a resposta de pesquisadores de 11 países, compreendendo e sintetizando esta prática ao redor do mundo. O Brasil não estava na lista de países com musicoterapeutas que responderam as questões de Baker. A autora publicou os resultados em seu livro, *Therapeutic*

*Songwriting - Developments in Theory, Methods, and Practice*³, reunindo e compilando em 10 modalidades (e sub modalidades) diferentes a prática dos métodos de composição musical na Musicoterapia.

Felicity Baker é professora doutora e detém um currículo extenso e notável por sua prática musicoterapêutica e pesquisa na musicoterapia mundial. Em Baker (2015) delineia-se um conjunto abrangente de técnicas que os terapeutas podem empregar para facilitar a expressão criativa e introspectiva dos pacientes através da música pela composição musicoterapêutica.

Baker (2015) enfatiza a importância de uma fase preliminar com diferentes formas de engajar emocionalmente e cognitivamente o compositor⁴ antes do processo de composição propriamente dito. Assim, antes de iniciar a composição, os terapeutas podem pedir aos pacientes que cantem músicas, podem separar músicas com o tema que gostariam de compor naquele dia, escolher músicas conhecidas ou composições do próprio paciente ou de outro paciente com uma queixa semelhante. Ouvir o que outro paciente-compositor expressou - alguém que passou por processos terapêuticos e queixas semelhantes - oferece a possibilidade de provocar sentimentos parecidos nos outros e pode suscitar conversas a fim de buscar tópicos importantes na música a ser escrita.

Conforme os compositores se conectam com as temáticas das composições escutadas, isso os permite aprofundar o contato consigo mesmo e utilizar a sua própria experiência nas composições. Enfim, atividades preliminares permitem construir diferentes caminhos para "sensibilizar" o compositor as suas próprias questões e ajudá-lo a escolher uma história a ser contada (Baker, 2015).

Importante notar que há modalidades mais estruturadas e menos estruturadas, requisitando mais ou menos do compositor, as quais focalizam mais a criação de letras, outros que focalizam mais na criação da música e ainda aqueles que equilibram a produção de letra e música.

Fases preliminares a composição

3 Composição Terapêutica - Desenvolvimentos da Teoria, Métodos e Prática (Tradução própria).

4A palavra "compositor" no trabalho da autora, indica pacientes ou clientes de musicoterapia. Daí a nota, pois o livro não tem tradução para o português. Sendo assim, optou-se por manter o termo original, mas incluindo aqui a ressalva de que se trata de um compositor-paciente, um compositor-cliente em um contexto terapêutico, clínico e institucional.

Alguns apontamentos importantes de Baker (2015) acerca da prática: notar os diferentes ambientes em que se praticou a composição musical e suas limitações (o tempo de sessão se havia um atendimento particular ou por convênio, se o ambiente era hospitalar e se em contexto de internação, se havia resistências institucionais daquela prática, etc.); um ambiente privado e um espaço adequado à terapêutica. Atentar aos fatores sócio-culturais: estilo de música, língua falada, um histórico de vida que traz referências e experiências positivas ou negativas para com a música (questões econômicas, poder aquisitivo e o terapeuta como uma figura de respeito).

Em sua pesquisa, Baker (2015) reuniu e compilou as diferentes práticas utilizadas ao redor do mundo e as categorizou em dez modalidades e sub modalidades para criação musical em musicoterapia.

Essas formas de apresentar o tema na literatura da composição em musicoterapia, construídas por Baker serão, então, as categorias selecionadas para análise dos artigos brasileiros encontrados na pesquisa. Sendo assim, dispomos a seguir essas dez modalidades com suas sub modalidades.

As dez modalidades e sub modalidades de composição

1. Preencher-os-espacos

Nesta primeira modalidade do método de composição, o terapeuta seleciona uma música conhecida e escolhida previamente e dispõe a letra para o compositor. Algumas palavras desta letra musical são removidas e deixadas em branco com um espaço vazio a ser preenchido pelo compositor. O vazio será substituído por novas palavras-chave; experiências e emoções trazidas à tona nas etapas preliminares que serão sintetizadas para caber na música escolhida.

2. Paródia

Esta se aproxima da modalidade anterior, “preencher-os-espacos”, porém, o compositor poderá alterar maiores porções da música, deixando apenas o refrão intocado, uma parte do verso ou mesmo modificar toda a letra música.

3. Composição estratégica

Após um breve aquecimento e a introdução preliminar, o terapeuta apresenta uma pré-composição feita pelo terapeuta, como um refrão pronto – criado de modo a abordar uma determinada questão para beneficiar um sujeito ou grupo de compositores. O tópico é explorado antes e depois da composição da letra e, simultaneamente, criam-se as letras para os versos. Desta música semi-pronta, pode-se ainda realizar um refinamento estético, um compartilhamento, uma gravação, uma discussão de cunho terapêutico a respeito do que foi criado e discutido.

Nesta modalidade o terapeuta irá compor uma música com uma finalidade específica, para estrategicamente abordar um tema, com um objetivo delineado para atingir determinados conteúdos, evocar emoções, estimular discussões sobre temas e situações específicas de um compositor, grupo de compositores.

4. Fazer um rap

Há duas formas descritas por Baker (2015) em que se utiliza a criação de letras no estilo rap, um *freestyle*⁵ em que se improvisa a letra durante a escuta musical e um rap em que a letra é composta previamente. Como bases para o rap estão à batida pré-definida, as *backing tracks*⁶ prontas e sem as letras, os *samples*⁷, as batidas e elementos melódicos e estéticos que podem se misturar de novas formas e utilizando a técnica do *remix*⁸, colando todas as partes para criar algo novo que concorde com o gosto pessoal do compositor ou mesmo, apesar de menos evidente na literatura, se utilizar de uma pré-composição criada pelo terapeuta e/ou compositor (Navas, 2009, como citado em Baker, 2015).

4.1 Improvisar um rap *freestyle* sobre *backing tracks*

Nesta modalidade se propõe a criação de letras e rimas no instante em que se escuta uma base musical, criando espontaneamente ao improvisar a letra a partir das próprias experiências, o que, segundo, propõe um encontro com as próprias emoções e

5 Improviso livre cantado, estilo livre de cantar um rap.

6 Música de fundo para outra faixa instrumental.

7 Áudio pré-gravado que pode ser utilizado como um elemento musical ou sonoro a ser incorporado em uma composição.

8 Mistura de uma ou várias músicas, ou faixas musicais, que combinadas criam um terceiro elemento, uma nova composição.

experiências de uma maneira mais imediata. (Derrington, 2005 como citado em Baker, 2015, p.116).

4.2 Compor um rap sobre *backing tracks*

Nesta abordagem, ao invés de se improvisar letras espontaneamente, se propõe um espaço para composição destas letras a partir de temas musicais pré-existentes. Nas experiências citadas por Baker (2015), as letras foram escritas previamente à terapia (em momentos de composição individual e introspecção) e noutras vezes durante as sessões de musicoterapia. Nesta modalidade, há um tempo maior para a exploração dos tópicos, das questões e vivências a serem retratadas, podendo, letra, música e compositor, serem mutuamente afetados e transformados pelo processo reflexivo.

5. Fazer um rap original (Letra e música)

Nesta modalidade, toda a música e seus elementos serão criados ou utilizados de modo mais original. O compositor é apoiado pelo terapeuta no processo de criação, edição e produção de uma música original (letra, harmonia, ritmo, melodia, etc.). Pode-se utilizar de batidas em *loop*⁹, *samples* de harmonias e melodias, softwares de edição DAW¹⁰ e programas, como *Autotunes*¹¹, para criar uma faixa original, bem como instrumentos e voz. Parece, aqui, haver um apoio considerável em todos os recursos disponíveis no âmbito da criação e produção de um estúdio musical.

O compositor poderá gravar a voz fazendo um *freestyle* improvisando espontaneamente a letra do rap. Há a possibilidade de se modificar aquilo que foi feito, adicionando e registrando novos elementos na música nas sessões subsequentes. Outra forma de fazer este rap é com a utilização de letras prontas e escritas previamente a partir da exploração e discussão do tema previamente. Neste caso, o compositor e o terapeuta se detêm no assunto e a partir dos temas levantados se cria a letra e a música, utilizando os elementos descritos acima. A versão final é gravada e editada até que o produto final satisfaça esteticamente o compositor.

9 Repetição automática de uma mesma ideia musical

10 Sigla para Digital Audio Workstation, *software* utilizado para gravação, edição e mixagem de áudio.

11 *Software* para afinação automática da voz.

6. Colagem musical

Nesta modalidade, o compositor se valerá de diferentes frases de letras pré-existentes para produzir sua música original. Poderá, assim, selecionar capas de álbuns, diferentes músicas, fragmentos de letras, tudo que servir de inspiração para expressar os próprios sentimentos e experiências. Sendo assim, uma letra musical poderá se formar da junção de uma ou várias frases e versos de músicas diferentes, de nomes de álbuns, etc. O terapeuta auxiliará o compositor no processo de criação da letra e música a partir do tema (Baker, 2015).

7. Improviso e criação

A respeito desta modalidade, há quatro sub-modalidades principais, ~~são estas~~: “Era uma vez...”, “Improviso de letras sobre um acompanhamento musical do terapeuta”, “Composição improvisacional vocal/instrumental” e “Composição Narração Lírica/Instrumental” as quais serão melhor explicitadas a seguir.

7.1. "Era uma vez..."

Na modalidade “Era uma vez...”, o compositor contar uma história e o terapeuta deve "ressoar" o que está sendo contado com efeitos sonoros ou melodias e harmonias, usando instrumentos, seja com o ritmo e andamento de uma música, com as tensões e resoluções apresentadas. Uma história a ser musicada e cantada em tempo real em que certos trechos enfatizam ideias, dando um tempo para a contadora de histórias refletir (Oldfield & Franke, 2005 como citado em Baker, 2015, p. 133).

7.2. Improviso de letras sobre acompanhamento musical do terapeuta

O compositor e terapeuta irão improvisar letra e música de forma simultânea, espontânea e sem a definição de um estilo prévio. Podem-se utilizar instrumentos harmônicos como violão e piano, mas também instrumentos percussivos como os tambores, a bateria acústica, etc. Vale notar que o improviso de harmonias serve como um indutor, podendo provocar determinados conteúdos psíquicos, portanto, um instrumento poderoso para acessar de modo espontâneo as emoções e conteúdos latentes.

7.3. Composição com improviso instrumental/vocal

Nesta modalidade o processo de composição da letra ocorre em tempo diferente da faixa instrumental. O compositor e terapeuta criam uma faixa instrumental primeiro, a partir da improvisação e, quando prontos, esses trechos serão gravados para que, posteriormente, se adicione uma letra ou expressão vocal, também improvisada, sobre o que foi realizado para formar uma canção.

7.4. Composição lírica narrativa/instrumental

A diferença da modalidade acima é a ordem em que se compõe nesta modalidade, primeiro se compõe a letra e depois a faixa instrumental. De acordo com Baker (2015), o primeiro passo é criar uma letra/história a partir de um tema importante para o compositor expressar. Em seguida, há a criação de uma faixa instrumental que irá abarcar a letra criada previamente, juntando esses dois elementos, letra e música.

8. *Mash-up*

Na modalidade de composição *mash-up*¹², duas ou mais músicas são “coladas” para criar uma nova composição. Há muitos aplicativos e softwares que podem ser utilizados, pois facilitam, por exemplo, a sobreposição de faixas vocais de uma música, com vocais e instrumentais de outra. Outro ponto adicional é que o compositor poderá acrescentar, no processo, suas contribuições pessoais, como letras, sons e partes instrumentais.

9. Pastiche

Na modalidade Pastiche, se “pega emprestado” motivos musicais de outras composições, formas e estilos musicais para a criação de uma música original. Há duas principais categorias elencadas por Baker (2015), a “Mistura” e a “Imitação”:

12 Combinação de diferentes trechos de diferentes composições formando uma nova música.

9.1. A “Mistura”¹³

Baker (2015) exemplifica esta modalidade como música da banda Queen, “Bohemian Rhapsody”, na qual diversos estilos de composição incongruentes são reunidos em uma mesma música para imprimir uma identidade inédita à composição.

9.2. A Imitação

A Imitação é uma modalidade de composição em que inequivocamente se pode atribuir o resultado ao estilo de um artista. Não apenas imitando o estilo ou a forma de composição, mas, por vezes, o próprio artista (um Reggae tocado e cantado como Bob Marley o faria). Assim, se incorpora diversos elementos (*riffs*, instrumentos, estilo vocal) para imitar o estilo do artista escolhido.

10. Composição musical sobre estruturas conhecidas

O conteúdo da música é construído “do zero”, mas guiado por estruturas conhecidas na composição musical. Para Baker (2015), esta é a modalidade mais utilizada em composição musicoterapêutica e é muito numerosa a presença de publicações dessa modalidade no âmbito da composição musical.

Como estrutura mais notada nas composições dessa modalidade; a “ABABACBA”, a qual o A são os versos, B o refrão e C a ponte da música. No “A”, os versos carregam uma história do começo ao fim. No “B”, o refrão contém a síntese do que quer ser transmitido, o tema da música, a mensagem principal: “é o conector entre fato e sentimento, entre a história e a percepção do impacto que teve no paciente”. A parte “C” é uma preparação para o clímax do refrão, onde, muitas vezes, há uma mudança no ritmo, harmonia, melodia, se distinguindo do resto e criando um retorno ao tema ou criando novas possibilidades.

A autora cita também diversos estilos e estruturas que podem contribuir e facilitar a expressão, por exemplo, o blues, a rumba, cânticos, etc. Ao definir as partes em “A”, “B” ou “C”, se cria um guia no processo de identificação da história (A), das questões mais significativas (B), e das situações que podem dar alguma resolução ou estabelecer novos rumos (C).

¹³ Traduzido do termo Hodge-Podge (tradução própria).

Uma vez que o tema central está definido, o processo de criação pode ser facilitado pelo terapeuta, e realizado de forma mais ou menos estruturada: *brainstorming*¹⁴, exploração musical, criação de letras e depois a música, bem como, uma criação de música depois a letra, mais *brainstorming* posteriores e explorações adicionais – algo menos estruturado. Como todas as outras modalidades, esta composição original poderá ser partilhada, revisitada nas sessões subsequentes, ser apresentada para as pessoas próximas.

Todas as dez modalidades e sub modalidades tornam-se composições ao serem registradas de alguma forma, escritas, gravadas em estúdio ou de forma mais amadora, e poderão ser revisitadas e modificadas em futuras edições. Uma vez pronta, a música pode servir como tema para novas discussões e reflexões nas próximas sessões. Há também a possibilidade de compartilhar com outros essas produções e até mesmo cantá-las publicamente.

Após essa apresentação da publicação de Baker (2015), o objetivo deste trabalho é conhecer a prática deste método no Brasil para compreender as possíveis contribuições à prática da composição musical em musicoterapia utilizando as modalidades principais do método de Baker fornecendo um relato conciso, coerente, lógico, não repetitivo e interessante dos dados dentro do tema da composição em musicoterapia no Brasil.

2. Metodologia

A presente pesquisa se enquadra como um estudo qualitativo, na qual se realizou uma análise temática respeitando-se as seis fases do processo de elaboração da análise descritas por Nowell (2017): familiarizar-se com os dados, gerar códigos iniciais, procurar temas, revisão dos temas, definir e nomear os temas, produzir um relatório coeso.

A análise temática é uma estratégia de redução de dados através da qual os dados são analisados, sumarizados, reconstruídos de forma a capturar os conceitos importantes em seu conjunto. É uma abordagem amplamente utilizada na pesquisa qualitativa para identificar, analisar e interpretar padrões significativos de dados textuais. É um método flexível que permite aos pesquisadores explorar temas ou

¹⁴ Técnica de “tempestade de idéia” para criação e resolução de problemas.

padrões recorrentes nos dados coletados, buscando compreender o significado subjacente às experiências publicadas (Nowell, 2017).

A busca do material considerou: trabalhos e livros especializados em língua estrangeira, artigos disponíveis online, revisões de literatura, revistas e publicações brasileiras no âmbito da musicoterapia e composição musical. As bases consultadas foram: Google Acadêmico: diretórios de revistas; SCIELO e *Brazilian Journal of Music Therapy*. Os termos utilizados na pesquisa foram: “musicoterapia”, “composição musical” e “Felicity Baker”. Como critérios de inclusão consideraram-se pesquisas brasileiras cujo processo e método de composição e criação musical estavam descritos de forma integral ou parcial; priorizou-se a inclusão de artigos publicados nos últimos 10 anos.

Utilizou-se como categoria de padrão temático as “Dez Modalidades de Composição” de Baker (2015) bem como as determinações em “Fases Preliminares a Composição” para compreender, agrupar e analisar os artigos brasileiros dispostos a seguir nos resultados.

3. Resultados

Como resultado da busca com as palavras-chave em bases de dados consultadas: 1.919 (tabela 1) trabalhos, revisões de literatura, práticas de musicoterapia utilizando composição e outros métodos. Encontraram-se pesquisas e práticas em que o método de composição musical foi citado e utilizado, porém, não há descrição integral do processo terapêutico e, portanto, não atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos; encontraram-se também dezenas de pesquisas em língua portuguesa com aplicações práticas do método de composição, porém, são publicações de instituições em Portugal

Tabela 1 Descritivo de busca

Canais e Termos	“Felicity Baker”	“Musicoterapia” e “Composição musical”	Trabalhos incluídos na presente pesquisa
Google Acadêmico	77	1830	9
Scielo	0	0	0
Brazilian Journal of Music Therapy	3	9	0
Total dos artigos acessados	80	1839	

Tabela 1 - Quantidade de artigos encontrados em relação às palavras-chave pesquisadas. Fonte o autor.

Considerando os critérios de inclusão e exclusão dos 1.919 materiais foram selecionadas 68 pesquisas brasileiras, cujas palavras-chave “Felicity Baker”, “musicoterapia” e “composição musical” estavam presentes no título ou no resumo. Analisando-as mais aprofundadamente, nove (9) pesquisas foram incluídas para análise.

A composição musical é uma prática muito recente na musicoterapia. De acordo com Baker (2015), antes de 1990, consta na literatura apenas duas publicações em revistas científicas descrevendo a composição musical como estratégia terapêutica.

76

4. Discussões

À luz das 10 modalidades principais de composição em musicoterapia de Baker (2015), acima descritas, segue a análise dos artigos selecionados.

No artigo de Hermes Santos (2016), o *funk* e o rap foram canais de expressão e composição, um registro da experiência de uma adolescente de dezessete anos internada em uma unidade socioeducativa. A adolescente tinha em mãos uma letra que escreveu por conta própria, “motivada pela prática de musicoterapia” na instituição. A letra foi composta fora do *setting* musicoterapêutico, mas estimulada por ele (Santos, 2016).

Com a letra pronta, Santos (2016), de início, pediu à compositora para improvisar sua letra sobre uma batida pronta de *funk*. Posteriormente, com uma mudança na modalidade, a função do terapeuta foi adequar a letra à música utilizando a voz e um sintetizador e percussões. A composição aparece na pesquisa em forma de partitura e também se fez um vídeo com a composição pronta. Segundo o autor, se utilizou da tonalidade menor e “sombria” e os quatro primeiros graus da escala menor para cantar as palavras.

A compositora apresentou sua canção posteriormente em um evento com finalidade sócio-educativa. A imprensa acompanhou e a entrevistou depois da apresentação. Durante a entrevista expressou orgulho sobre sua produção, sobre si mesma e uma expectativa positiva sobre seu futuro (Santos, 2016).

Vale notar que o registro musical e a sua apresentação permitiram a exposição e reconhecimento social da experiência da compositora, algo importante no processo de ressocialização da adolescente, assim como os elementos presentes na letra da música que compôs. Esta música se tornou um símbolo deste processo e o registro, bem como sua apresentação, modificou seu mundo efetivamente.

Santos (2016), em sua pesquisa descreve que a modalidade de composição musicoterapêutica utilizada foi a “Escrever Canções” - uma das categorias metodológicas descritas por Bruscia (2016) “[...] onde o cliente compõe uma canção original ou parte dela (p.ex., letra, melodia, acompanhamento) com níveis variados de assistência técnica do terapeuta. O processo normalmente inclui algum tipo de notação ou gravação final do produto” (Bruscia, 2016, p. 128).

No trabalho de Santos, “Escrever Canções” está descrito como a modalidade de composição utilizada, mas podemos, nesta discussão, apoiados pelo trabalho de categorização de Baker, situá-la mais precisamente na modalidade 4.2 Compor um rap sobre *backing tracks* e depois 5 Fazer um rap original (letra e música), tendo em vista o processo de composição realizada pelo terapeuta e compositora.

O próximo artigo analisado, de Santos et al. (2011), traz uma intervenção musicoterapêutica com caráter sócio-educativo realizada com treze sessões em uma instituição religiosa com a intenção de reintegrar socialmente sete adolescentes em situação de vulnerabilidade social, moradores de uma região periférica da cidade de Goiânia.

Para organizar os dados, os autores optaram por descrever a intervenção em quatro fases: na primeira fase, os pesquisadores utilizaram a improvisação musical, na segunda fase, as técnicas utilizadas foram audição e recriação musical, na terceira fase realizaram-se exercícios musicais técnicos; exercícios de concentração, exercícios vocais, exercícios rítmicos e de coordenação grupal. Na quarta fase realizou-se uma composição musical, descrita como uma paródia da canção “Paga Pau” de Fernando e Sorocaba. Ela é apresentada junto aos dados na pesquisa em formato de partitura (Santos et al., 2011).

Como se desenvolveram as sessões, não necessariamente endereçava-as para a composição musical que iria se suceder na fase quatro, não havendo ligação entre as fases preliminares e a composição final. Vale ressaltar que não está descrito na pesquisa o processo de composição da música, bem como os porquês que levaram o grupo até esta temática de composição. A composição serviu como facilitador para uma conversa posterior, refletindo o caráter reflexivo do método de composição.

Como justificativa teórica no artigo, Santos et al. (2011) descrevem a utilização da modalidade “Paródia”, sem contemplarem a abordagem teórica musicoterapêutica de

análise do material. Como na composição publicada há partes de duas músicas, a letra de “Paga Pau” junto a fragmentos da letra da canção “Maluco Beleza” de Raul Seixas, pode-se categorizá-la, segundo as modalidades de Baker (2015), como uma “Colagem Musical”.

No trabalho de Santos (2019) tem-se a intervenção musicoterapêutica em uma casa-abrigo para crianças, adolescentes e mulheres em situação de violência doméstica. Nesta intervenção, fez-se uma “paródia” com a escolha da música “A Casa”, de Toquinho e Vinicius de Moraes: “Era uma casa bem bagunçada / Muitas crianças desordenadas / Mas era feita com muito amor / Muita alegria e acolhedor / Ninguém tinha privacidade / Muitas mulheres de várias idades / Ninguém queria entrar nela não / Mas se apegava com coração”.

Nesse artigo de Santos (2019), os sentidos levantados no início e as práticas sugeridas ressoaram entre si e com a produção final da paródia, considerando o papel das fases preliminares à composição.

Ferrari e Tibúrcio (2012), em seu artigo sobre a paciente Antônia, lembram que: “a partir da análise das manifestações sonoro-musicais, através de relatórios e de gravações em áudio, evidencia-se a possibilidade de expressão do seu mundo interno” (p. 92). Os autores destacam em diversos trechos os aspectos musicais e os analisam em relação aos conteúdos subjetivos revelados por Antônia:

Nessa música Antônio faz saltos de intervalos maiores do que os anteriores. É um pouco mais estruturada ritmicamente e mais definida melodicamente. Parece que Antônia começa a fazer uma mudança em seu discurso. Aponta para os espaços onde existe a possibilidade de endereçamento como uma opção de vida (Ferrari & Tibúrcio, 2012, p. 86).

Com a proposta de criar sobre o tema “insegurança” com a chegada do final do processo musicoterapêutico, os terapeutas oferecem a possibilidade de um improviso usando acordes maiores e menores. “Antônia, escolhe o acorde de tom maior. Diz que a música deve ser agitada” (Ferrari & Tibúrcio, 2012).

Nessa publicação de Ferrari e Tibúrcio (2012), identifica-se um uso versátil do método de composição, logo, poderíamos situar mais precisamente suas intervenções nas categorias do presente artigo: 4.1 Improvisar um rap *freestyle* sobre *backing tracks*,

7.2 Improviso de letras sobre acompanhamento musical do terapeuta, 7.3 Composição com improviso instrumental/vocal, 5 Fazer um rap original (Letra e música).

Santos (2018) apresenta detalhadamente o processo de intervenção e o método de composição que realizou com um grupo de cuidadores familiares de pacientes com Doença de Alzheimer (DA). Vale notar que o protocolo de atendimento utilizado tem por base o trabalho de Baker. Foram realizadas doze sessões de musicoterapia para avaliar os efeitos da Musicoterapia na qualidade de vida e nos níveis de ansiedade e depressão do grupo. Dois sujeitos foram selecionados para a aplicação de pesquisa e intervenção, descritos como Graça e Dom.

A partir da identificação dos sentidos revelados no processo terapêutico, definiu-se um tema e se propôs uma composição. Antes da letra em formato poético-musical, ocorreu a utilização de um texto inicial em prosa que, depois de concluído, os terapeutas auxiliaram os compositores a transformar em poesia e letra musical, uma proposta bastante original dentro das modalidades de composição. Pode-se dizer que nas intervenções, Santos (2018) utilizou “intuitivamente” as modalidades de composição de Baker (2015): 7.4. Composição lírica narrativa/instrumental, 7.3. Composição com improviso instrumental/vocal e 10. Composição musical sobre estruturas conhecidas.

No trabalho de Cardoso e Cunha (2011), se analisou as manifestações afetivas e psicossociais de um grupo que utilizou a composição musical no processo musicoterapêutico. O grupo de participantes foi constituído por seis homens, com idade entre 45 e 55 anos, que participaram de oito encontros de duas horas em um período compreendido entre maio e junho de 2010. Todos estavam em tratamento no CAPS-AD, com histórico de internação em hospitais psiquiátricos devido ao abuso de substâncias psicoativas e no processo de tratamento da dependência química (Cardoso & Cunha, 2011).

Ao relatar sobre os atendimentos, Cardoso e Cunha (2011) esclarecem que as queixas presentes foram contempladas pelas técnicas empregadas na intervenção musicoterapêutica, sem uma descrição aprofundada do processo de composição. Segundo os autores, as técnicas utilizadas concordavam com Bruscia (2016); audição, composição e recriação musical.

No texto foram identificadas as fases preliminares à composição segundo Baker, uma vez que “o musicoterapeuta investiu nesse potencial via mostras de áudios

de grupos musicais formados no contexto da saúde mental e em musicoterapia”, assim como sugere Baker (2015), a possibilidade de introduzir a prática de composição apresentando trabalhos realizados anteriormente com outros pacientes/grupos de compositores. Bem como, também como caráter preliminar, a utilização da escuta musical e recriação para engajar os compositores e endereçá-los à composição. Afirma-se, neste artigo, que “havia letras prontas” e que, portanto, puderam realizar as suas composições a partir delas. Pode-se inferir que tenha sido utilizada a modalidade 7.4 Composição lírica narrativa/instrumental, porém, apesar de descrito que “a composição e a audição [...] foram mais exploradas pelo grupo”, não há na pesquisa referências sobre a composição realizada e o processo integral de composição, de modo que não está claro o método em composição musical utilizado.

De acordo com Fleury (2015), em seu artigo a composição musical foi utilizada em uma clínica de reprodução assistida, onde “surgiram” composições sobre o sofrimento vinculado à infertilidade das participantes. A autora afirma que foram utilizados os métodos de improviso e composição, mas não descreve o processo de composição, apenas a letra e as pontuações de melhora dos sintomas das participantes.

Na publicação de Baia et al. (2019) encontra-se um estudo de caso em que se integrou a técnica junguiana de imaginação ativa com o improviso e a composição em musicoterapia. Baker (2015) aborda o trabalho de Jung em seu livro, porém, sem citar a técnica de imaginação ativa, apenas a possível comunhão entre Jung (Jung, 1966 como citado em Baker, 2015, p.185) e musicoterapia quando cita “*On the relation of analytical psychology to poetry*¹⁵”. A autora descreve que “após a estimulação de fala via conversa sobre a técnica, com base no que foi discutido, improvisamos e compomos uma canção juntos em G (Sol maior): “A vida é uma estrada com leão/ Com flores e árvores/ Com barulho de água/ e passarinhos cantando” (Baia et al. 2019).

A dissertação de Ribeiro (2014) propõe interfaces de diálogo entre musicoterapia, composição terapêutica e o Psicodrama. Segundo a autora, a comunicação não-verbal, a utilização de um objeto intermediário, a ênfase na criatividade e espontaneidade, a utilização de jogos são aproximações possíveis nas duas abordagens estudadas, entre outras diversas associações e paralelos que estabeleceu no decorrer do atendimento que realizou. Atendeu uma jovem denominada

15 Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética (tradução livre).

Marina (nome fictício) de dezenove anos, encaminhada pela SOGEP (Sociedade Goiana de Psicodrama) com queixas de estresse e ansiedade. O processo terapêutico teve duração de quatro meses, num total de 17 encontros realizados.

Nas primeiras nove sessões se utilizou dos métodos de recepção musical, de recriação musical e improvisação, bem como, se estabeleceram diálogos e tematizações sobre as queixas da participante. Exploraram-se o universo sonoro e o sentido das músicas atrelado aos papéis que desempenhava na terapia e na vida, seus desejos, queixas (Ribeiro, 2014).

Algo criado pela autora, também utilizado nas primeiras sessões, a “auto apresentação por meio de instrumentos musicais”: técnica desenvolvida para a pesquisa, adaptada para a Musicoterapia a partir da técnica da auto apresentação do Psicodrama (Ribeiro, 2014).

Na décima sessão, Ribeiro (2014), propôs a utilização do método de composição musical, utilizando a modalidade 6 Colagem Musical:

Para isso, a pesquisadora disponibilizou recortes de todos os trechos das canções destacados por Marina nas sessões anteriores. A pesquisadora lhe pediu que organizasse os trechos de forma a construir a letra de uma canção. Ao tomar conhecimento da atividade proposta, Marina afirmou que iria organizá-la em uma sequência que demonstraria seu crescimento pessoal (Ribeiro, 2014, p. 79).

Na sessão seguinte a participante recebeu a colagem que havia feito. Após um processo reflexivo acerca de sua produção, optou pela inclusão do trecho de mais uma música. “Para encerrar a sessão, a pesquisadora pediu que Marina escolhesse cinco palavras que representassem os aspectos significativos do processo musicoterapêutico”. Com estas cinco palavras, Ribeiro (2014), sugeriu uma nova composição.

Desta forma, a segunda composição realizada teve como base a modalidade 10. Composição musical sobre estruturas conhecidas, de Baker (2015), uma vez que o tema central foi definido, o processo de criação facilitado pelo terapeuta, e realizado de forma mais ou menos estruturada: *brainstorming*, exploração musical, criação de letras, utilização de harmonias e uma melodia vocal.

6. Conclusão

Há uma quantidade razoável de pesquisas de revisão de literatura e estudos de caso no Brasil sobre o método de composição, muitos utilizando material internacional para análise, porém, são poucos os estudos de caso que relataram a experiência integral, o processo do início ao fim, bem como os seus resultados: como se deu a intervenção, o que foi realizado, os porquês das modalidades de composição utilizadas, etc. Pode-se concluir, então, que ainda há de se desenvolver e promover mais este método e a investigação científica neste âmbito no contexto brasileiro.

Todas as pesquisas consultadas que deixaram algum registro das composições utilizaram registros escritos das músicas produzidas nas sessões, seja a letra ou a partitura. Todavia, com os avanços tecnológicos indica-se que também se coloque o link dos registros sonoros ou mesmo de vídeo do que foi produzido.

Kenneth Bruscia é referência teórica predominante para justificar e qualificar o processo de composição e o método utilizado nos artigos brasileiros analisados. Baker foi referenciada e citada por apenas um autor brasileiro nas pesquisas analisadas.

Nenhum artigo brasileiro apresentou a utilização das modalidades: 1 Preencher-os-espacos, 3 Composição estratégica, 7.1. "Era uma vez...", 8 *Mash-up*, 9 Pastiche, seja de forma "intuitiva" ou mesmo descrito no corpo do trabalho utilizado de forma intencional. Compreender o método de composição de forma mais "consciente" e precisa envolve uma base teórica mais firme e consolidada. As pesquisas poderiam ter bases teóricas mais claras para justificar as modalidades de composição utilizadas e seus porquês.

Dentre os materiais selecionados na pesquisa estão os que se preocuparam em analisar as letras produzidas cuidaram de analisar apenas a letra sem levar em consideração os elementos musicais do que foi composto; da música e seus elementos harmônicos e melódicos.

Faz-se relevante para futuras explorações no âmbito da composição e análise musicoterapêutica no Brasil, a melhor exploração e compreensão de que modo estes "elementos musicais" podem ser utilizados e melhor articulados a fim de proporcionar uma terapêutica mais profunda ao tratarmos do processo de vida, de composição, do processo terapêutico e subjetivo dos participantes-compositores e como estas esferas podem ser traduzidas em música.

Também se destaca como este método pode ser desenvolvido e que há terreno fértil pra explorar diversas outras formas de compor em musicoterapia considerando-se o pouco tempo de registro dessa técnica na prática.

A Composição Musical Terapêutica é uma prática recente e está ainda em pleno desenvolvimento no Brasil e no mundo por isso se faz importante o aprofundamento e desenvolvimento do tema, algo que poderia ser construído enquanto um curso de extensão focado e mais espaços – acadêmicos ou não - em que este saber possa ser ensinado, compartilhado, padronizado e desenvolvido.

Referências

- Baia, M. F. A.; Luz, E. P. S., Jr., & Silva, R. B. L. (2019). Musicoterapia analítica e estimulação da fala: a técnica da imaginação ativa. *XIII Colóquio Nacional VI Colóquio Internacional do Museu Pedagógico*. Vitória da Conquista. <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/8884/8539>
- Baker, F. (2015). *Therapeutic songwriting: developments in theory, methods and practice*. Palgrave Macmillan.
- Bruscia, K. E. (2016). *Definindo musicoterapia*. (3a ed., M. Leopoldino Trad.), Barcelona Publishers.
- Cardoso, L. N., & Cunha, R. R. S. (2011). Trocas afetivas e psicossociais em musicoterapia: grupos no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, (2), 74-93. <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/178/185>
- Ferrari, P. A.; & Tibúrcio, L. A. (2012). A música como instrumento de intervenção e análise em musicoterapia: composições musicais em saúde mental e drogadição. *Anais do XVIII Fórum Estadual de Musicoterapia: as diferentes abordagens da música em musicoterapia*. 82-102. Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro. <http://www.amtrj.com.br/wp-content/uploads/2021/04/jXVIII-untocom-isbn.pdf#page=84>
- Fleury, E. B., Barbosa, M. A., Approbato, M. S., Maia, M., Ramos, M. S., & Silveira, I. A. (2015). Musicoterapia em mulheres em uma unidade de serviço público de reprodução humana na região centro-oeste brasileira. *Atas*, (2), 480-483. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/110/106>
- Nowell, L. S., Norris, J. M., White, D. E., & Moules. (2017). N. J. Thematic analysis: Striving to meet the trust worthiness criteria. *International Journal of Qualitative Methods*, 16(1), 1-13. doi: 10.1177/1609406917733847

- Ribeiro, M. K. (2014). *Análise musicoterapêutica da experiência de composição musical: interfaces com o psicodrama* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás. [https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3206/5/Mayara%20Kelly%20Alves%20Ribeiro%20-%20Disserta%
c3%a7%
c3%a3o%
20completa%20-%20correta.pdf](https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3206/5/Mayara%20Kelly%20Alves%20Ribeiro%20-%20Disserta%c3%a7%c3%a3o%20completa%20-%20correta.pdf)
- Santos, E. A. (2018). *Musicoterapia e o cuidado ao cuidador de idoso com Alzheimer: um estudo de caso* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás. [https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8790/5/Disserta%
C3%A7%C3%A3o%20-%20Elvira%20Alves%20dos%20Santos%20-%202018.pdf](https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8790/5/Disserta%
C3%A7%C3%A3o%20-%20Elvira%20Alves%20dos%20Santos%20-%202018.pdf)
- Santos, H. S. (2016). O rap e o funk em atendimentos musicoterapêuticos em uma unidade socioeducativa. *InCantare*, Curitiba, 7(2), 106-121.
- Santos, H. S. (2019). Era uma casa bem bagunçada... uma canção de um grupo de mulheres residentes em um abrigo para vítimas de violência doméstica. *InCantare*, Curitiba, 10(1), 128-141
- Santos, H. S., Teixeira, C. M. F. S., & Zanini, C. R. O. (2011). Contribuições da musicoterapia para o fortalecimento da subjetividade de adolescentes participantes de um projeto social. *Opus*, 17(2), 163-182.